



# Reflexões sobre a teoria da banalidade do mal e o filme 50 Tons de Cinza

Eliana Batista Motta\*\*

## RESUMO

O presente trabalho promoveu um estudo sobre como o mal é tratado pela Teoria da Banalidade do Mal de Hannah Arendt, a partir da história de Eichmann e pelo Filme 50 Tons de Cinza, a partir do personagem Grey. O objetivo principal foi refletir sobre como as pessoas que praticam atos violentos os percebem. Partindo da constatação de que nossa sociedade está cada vez mais violenta, acredito ser de grande importância compreender as motivações de atos considerados cruéis e violentos. Foi constatado, nos dois casos analisados, que o mal era reproduzido como algo normal e que não havia reflexão por parte de seus praticantes. Acreditamos ser de suma importância que nos meios educacionais se promova maior discussão do assunto e que se valorize os princípios morais básicos como justiça, respeito, tolerância e igualdade.

**Palavras-chave:** Banalidade, Mal, Sociedade.

## 1 Introdução

A violência e a criminalidade são grandes problemas das últimas décadas. Muitas pesquisas apontam um crescimento no mundo e principalmente em países que não são considerados desenvolvidos, como o Brasil. Uma das pesquisas que me chamou muita

---

\*Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Giovane do Nascimento.

\*\* Graduada em Letras, Fundação São José. Aluna especial do Mestrado em Cognição e Linguagem, UENF. Graduando em Pedagogia pela FAETERJ. Tutora presencial de Letras do CEDERJ. Professora de Língua Portuguesa pelo Projeto Mais Educação da Rede Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: [elianamotta1@gmail.com](mailto:elianamotta1@gmail.com).

\*\*\*Prof. Dr. Giovane do Nascimento, UENF.

atenção foi a que revelou que o nosso país é o primeiro do mundo em violência contra professores.

Segundo a BBC.com (2015):

Na enquete da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 12,5% dos professores ouvidos no Brasil disseram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana. Trata-se do índice mais alto entre os 34 países pesquisados, a média entre eles é de 3,4%. Depois do Brasil, vem a Estônia, com 11%, e a Austrália com 9,7%. Na Coreia do Sul, na Malásia e na Romênia, o índice é zero.

Como se observa nos dados acima, a violência se dá fisicamente, verbalmente e interfere no emocional das pessoas. Um dos relatos recorrentes foi sobre a intimidação, a ameaça, que é um tipo de agredir, de ferir a pessoa, de deixá-la amedrontada.

Martins (2014) em sua pesquisa sobre a banalidade do mal, fala de como as pessoas ultimamente estão convivendo com atos bárbaros de violência e questiona sobre até que ponto é possível ser humano em meio a tanta crueldade. Para o autor, aqui no Brasil a violência está se tornando banal, comum, sem explicação. Pessoas cometem atrocidades por motivos torpes e por muitas vezes nem tomam consciência sobre seus atos.

Neste trabalho pretende-se fazer uma reflexão sobre a Teoria da Banalidade do Mal de Hannah Arendt e o filme 50 tons de cinza. As duas obras abordam personagens, o primeiro real e o segundo fictício, que praticam atos violentos e demonstram não ter total consciência da dimensão desses atos. A partir dessa comparação também pretendo discutir sobre a disseminação dos atos violentos na sociedade de hoje.

Arendt, no livro *Eichmann em Jerusalém* (1999) trata de um nazista que fora julgado por participação no extermínio de judeus. No período do nazismo pessoas eram mortas de maneira brutal pelo simples fato de serem judeus. Milhares de pessoas eram colocadas em campos de concentração, aonde muitas iam definhando, passando fome, fazendo trabalho forçado e por fim eram mortas em câmaras de gás (MARTINS, 2014). Adolf Eichmann teria sido um dos responsáveis por muitas atrocidades.

No filme *50 Tons de Cinza*, o personagem principal, Grey, é praticante de sadomasoquismo e pratica atos violentos contra sua parceira sexual Anastasia Steele<sup>2</sup>. Nessa prática sexual o parceiro dominante submete o parceiro dominado a seções de sexo onde há atos violentos em que o dominado sente dor. O dominante sente prazer ao presenciar o sofrimento alheio<sup>2</sup>.

Para buscar aproximações entre os dois personagens, Eichmann e Grey, entre a Teoria da Banalidade do Mal e o filme *50 Tons de Cinza* utilizei de pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, em artigos, livros, sites além do filme citado.

## **2 A banalidade do mal**

A teoria de Arendt sobre a banalidade do mal surgiu a partir de suas reflexões sobre o julgamento de Adolf Eichmann, ocorrido em 1961 em Jerusalém. Eichmann era acusado pela morte de muitas pessoas nos campos de concentração nazistas. Sua tarefa era levar judeus para os campos de concentração para serem explorados, agredidos e mortos.

Apesar das evidências de muitos atos cruéis Arendt volta seu olhar para outra questão. Ela passa a pensar sobre o motivo do ato de maldade, sobre o nível de consciência do malfeitor sobre as atrocidades cometidas. A autora constata que o mal percebido em Eichmann era banal. Banal no sentido de não ter uma explicação convincente. Não havia motivos, muito menos relação com patologia ou demônios. Eichmann era um homem comum, pai de família, bom filho, ótimo vizinho e que não demonstrava nenhum traço que o relacionasse a tanta maldade cometida em seu “ofício” (ARENDR, 1999).

Em seu depoimento o acusado se defende dizendo que não era um monstro e que estava sendo vítima da falácia. Eichmann alegou cumprir ordens, a ser obediente a seus

---

<sup>1</sup>REVISTA VEJA. *Quem é quem em 50 Tons de Cinza*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/quem-e-quem-em-cinquenta-tons-de-cinza/>>. Acesso em 15 de março de 2015.

<sup>2</sup>REVISTA SUPERINTERESSANTE. *Sadismo masoquismo dominador submisso*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/galerias-fotos/sadomasoquismo-fotos-sadismo-masoquismo-dominador-submisso-703630.shtml#1>>. Acesso em 20 de março de 2015.

superiores. Ele ainda se mostrou ser um homem virtuoso quando afirmara que “sua honra era sua lealdade”. Tudo que ele fazia era permitido pelas leis e ele cumpria o que seu Estado o mandava fazer. Ele não se considerava criminoso. Arendt percebeu esse réu como um ser condicionado às regras. Não havia motivo para pensar e analisar se eram corretas ou não suas atitudes (*idem*).

Arendt via uma assustadora normalidade no réu. Essa normalidade é assustadora, pois qualquer um pode praticar atos violentos. Logo, ela traçou um percurso com explicações para mostrar que o mal não podia ser explicado como uma fatalidade, e sim, como uma possibilidade da liberdade do ser humano. Cai por terra o pensamento de que só pratica o mal pessoas perturbadas, doentes, dominadas por forças malignas ou qualquer outro motivo que evidencie a presença de perversidade, de atos claramente maléficos. O mal se apresenta como algo comum, banal (ANDRADE, 2010).

Em outro momento Arendt sustenta a afirmativa de que o mal é algo banal quando em análise da linguagem e comportamento de Eichmann ela percebe que ele era incapaz de pensar e entender o ponto de vista do outro e que suas respostas eram sentenças prontas, sem reflexões de ações. Em certo momento ARENDT (1999) afirma que o percebia não como um mostro ou um matador e sim como um palhaço, quando diz:

De minha parte, estava efetivamente convencida de que Eichmann era um palhaço: li com atenção seu interrogatório na polícia, de 3.600 páginas, e não poderia dizer quantas vezes ri, ri às gargalhadas!

A percepção de que Eichmann era um homem cheio de superficialidade e avaliar a proporção do mal cometido por ele, deixou Arendt perplexa, levando-a a formular a teoria da banalidade do mal.

Tiburi (2015) também sustenta essa teoria, sobre o exercício do mal como algo banal, quando diz:

A banalidade do mal é, portanto, uma característica de uma cultura carente de pensamento crítico, em que qualquer um, seja judeu, cristão, alemão, brasileiro, mulher, homem, não importa, pode exercer a negação do outro e de si mesmo.

Para Tiburi, a teoria de Arendt é de grande contribuição, apesar de nem sempre ser bem interpretada. Ela esclarece que a autora trata o mal como uma atitude que não é deliberadamente maligna. “O praticante do mal banal é o ser humano comum, aquele que ao receber ordens não se responsabiliza pelo que faz, não reflete, não pensa”. Eichmann seria uma pessoa que não pensava que repetia ações e era incapaz de um exame de consciência.

Tiburi ainda faz uma reflexão sobre a banalidade do mal no Brasil. Para a autora, no nosso país a banalidade do mal é muito presente. E esse mal se concretiza na corrupção, no consumismo, no assassinato de todos aqueles que não tem poder. A banalidade passa assim, a ocupa um lugar indevido, o da normalidade:

Banal, por sua vez, não pressupõe algo que seja comum, mas algo que esteja ocupando o espaço do que é comum. Um ato mau torna-se banal não por ser comum, mas por ser vivenciado como se fosse algo comum (ANDRADE, 2010).

A partir dessa concepção de normalidade para o banalidade do mal visto em nossa sociedade, Arendt apontou duas características oriundas das sociedades de massa que é a “*superficialidade*” (o uso dos clichês de Eichmann, é um bom exemplo) e a “*superfluidade*”. Para (ANDRADE 2010) o mal se torna banal porque os seus agentes são superficiais e suas vítimas são consideradas supérfluas, sendo assim quanto mais superficial for alguém, provavelmente cederá ao mal de maneira mais rápida. Sobre *superfluidade*, Arendt (1989 apud ANDRADE, 2010) nos afirma que tem sido um fenômeno das sociedades:

Grandes massas de pessoas constantemente se tornam supérfluas se continuamos a pensar em nosso mundo em termos utilitários. (...) Os acontecimentos políticos, sociais e econômicos de toda parte conspiram silenciosamente com os instrumentos totalitários para tornar os homens supérfluos.

### **3 50 Tons de Cinza e a Banalidade do Mal**

No filme de Sam Taylor-Johnson de 2015, o personagem principal, Christian Grey é praticante de sadomasoquismo. Ele atrai geralmente mulheres frágeis, dando-lhes conforto, segurança e riqueza. As envolve, as violenta deixando claro que não há nenhuma afetividade entre eles, apenas as práticas envolvendo até mesmo um contrato.

Para buscar entender as possíveis motivações sobre as práticas violentas do personagem, me atentei à sua história. Grey fora uma criança levada à adoção, pois sofrera violência de sua mãe, que era garota de programa, e de uma amiga de sua mãe, que era sadomasoquista, cuja praticava tais atos com ele. Grey, desde criança, conviveu com atos violentos como se fossem corriqueiros.

É observada, no personagem Grey, uma obscuridade em sua personalidade. O amor para ele é um emaranhado de sentimentos ruins como dor e constrangimento. Ele usa mulheres, geralmente sem vivências, para prática do que lhe dar prazer através da dor. Ele as machuca, propõem coisas bizarras e sente prazer ao vê-las sofrer. O filme insinua que muitas dessas mulheres são atraídas por que ele é rico, possui carros e casa luxuosos.

É percebido que o personagem está tão condicionado aos ensinamentos que lhes foi passado que não consegue refletir sobre tais atos e sobre o mal causado às mulheres nas quais ele se envolvia e a ele próprio. A banalidade do mal então, é vista sob esse aspecto, onde há um vazio de pensamento crítico, podendo ocorrer em qualquer pessoa, de qualquer religião ou etnia.

As barbáries cometidas por Eichmann não se fundamentam na inveja, no ódio, nem mesmo na estupidez (desconhecimento), mas sim na irreflexão, o que se percebe também em Grey, já que seus pensamentos estavam tomados pelos ensinamentos passados por quem o criou, tais ensinamentos eram reproduzidos, já que para ele eram normais. O que aproxima Grey de Eichmann talvez seja o que percebeu (ANDRADE, 2010) “o que tornava Eichmann uma aberração era o fato de ele nunca haver experimentado as exigências do pensamento diante dos acontecimentos”.

#### **4 Eichmann e Grey**

Mas o que há em comum entre o personagem Eichmann de Hannah Arendt e o Grey do filme 50 tons?

Como ponto de partida poderíamos pensar como (ANDRADE, 2010) através de suas indagações para chegar a um denominador comum sobre quem seria Eichmann, observando se ele seria um bom cidadão, leal, obediente, responsável, eficiente, organizado, burocrata,

banal, superficial, incapaz de pensamento, condicionado, desolado, desagregado, fracassado, frio, não emotivo, calculista, vaidoso, ambicioso, medíocre, mentiroso, calculista, inimigo do gênero humano, assassino ou um mostro. O que se percebe é que não havia registro de falha de personalidade humana em Eichmann para agir de forma brutal e banal.

De acordo com Arendt (1999) “ele não era só normal, mas um bom pai de família, um filho exemplar e irmão dedicado”, não havia nenhum laudo médico caracterizando alguma doença que o fizesse perder o controle e agir daquela forma, ele apenas repetia atos que seus iguais faziam, ele obedecia ordens de seus superiores e as cumpria sem refletir.

A violência percebida em Grey se relaciona às suas vivências da infância. Nessa fase de sua vida, atos violentos eram cotidianos, comuns mas, também em Grey percebe-se que não havia registro de algum laudo médico que caracterizava algum tipo de doença que o fazia ser agressivo com as mulheres as quais ele convivia. Dessa forma ele repetia alguns atos bárbaros também sem refletir, assim como Eichmann.

Nas duas histórias percebemos a falta de capacidade de reflexão. Eichman estava tão condicionado à prática dos atos através dos comandos que lhe eram passados que sequer pensava sobre a maldade cometida. Ele apenas reproduzia ações e obedecia aos comandos.

Observa-se que Grey chega a falar sobre seus gostos e atos, dizendo que provinham das marcas de sua infância. No entanto em nenhum momento refletiu sobre o mal que fazia, sobre as consequências de seus atos violentos contra suas parceiras, ou quem sabe reconhecer que precisava se tratar para não cometer mais tamanha violência. Grey apenas reproduzia aquilo que cresceu conhecendo como normal. Eichmann levava pessoas à sofrimentos e morte física, já Grey levava mulheres à sofrimentos e morte de seus valores.

Em ambos os casos percebemos irreflexão e vazío de pensamento. Para Arendt (1999) o pensamento é marcado pela reflexão, pelo ato de se voltar aos acontecimentos a fim de dar significados a eles. O pensamento lida com significados e sentidos atribuídos ao mundo. Essa condição não foi percebida em Eichman e nem em Grey.

## 5 Considerações Finais

As histórias de Eichmann e Grey ajudam a refletir sobre nossa sociedade contemporânea. Como foi dito no início desse trabalho, o contexto atual é de violência e criminalidade. Compreender sobre o mal, sobre as motivações de atos maléficis ajuda a entender o porquê de tantas atrocidades que estão acontecendo.

Percebe-se na sociedade contemporânea a ausência do ato de pensar e refletir perante certos acontecimentos. Pessoas reproduzem atos violentos sem sequer refletir o motivo dessa reprodução. A violência é divulgada cotidianamente na mídia e parece estar se tornando algo comum, que não promove tantas reflexões, pelo contrário, que promove ações repetidas que só a fazem aumentar e generalizar o mal.

O filme *50 Tons de Cinza*, por exemplo, gerou uma série de repetições de comportamento que viraram manchetes de jornais. Pessoas no mundo inteiro, assistindo as cenas onde o dominante usa de atos cruéis com a dominada, tentavam reproduzir tais atos, gerando alguns problemas. Um exemplo ocorreu em Londres. Após do grande aumento de acidentes sexuais após o lançamento do filme, o corpo de bombeiros teve que ir à mídia pedir bom senso e cuidado ao público espectador<sup>3</sup>. Esses fatos, com pessoas se machucando após tentar imitar as cenas do filme, de pessoas que precisaram acionar serviço médico e de bombeiros demonstra que em muitos casos a repetição de atitudes veio sem reflexão. Algumas pessoas feriram gravemente os órgãos sexuais de seus parceiros. Esses atos que machucaram seriamente, precisando recorrer até mesmo a cirurgias demonstra a irreflexão, o vazio de pensamento. Atos cruéis, capazes de ferir com gravidade sendo repetidos sem se pensar.

E infelizmente essa irreflexão é observada, banalizada e expandida por todos os lugares, um deles de onde deveria haver momentos ou ensinamentos propícios que levassem o indivíduo a refletir, a escola, é onde acontecem a maior parte dos casos de violências contra alunos e professores, tornando o mal algo banal, onde é visto e repetido por muitos.

---

<sup>3</sup>GLOBO.COM. *50 Tons de Cinza aumentou acidentes sexuais dizem bombeiros de Londres*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/02/50-tons-de-cinza-aumentou-acidentes-sexuais-dizem-bombeiros-de-londres.html>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

Deveria assim existir uma educação moral ou de valores que nos ajudassem a refletir sobre o mundo em que vivemos, para que assim evitássemos habitar num mundo facilmente perigoso, o da irreflexão. Para (ANDRADE, 2010):

Uma educação em valores, então poderia incorporar em sua prática tanto uma denúncia à banalidade, enquanto mal sem motivos, quanto um anúncio das responsabilidades morais diante do estranhamento necessário com o mundo cotidiano.

Esse estudo levou à reflexão de como a sociedade está carente de uma educação voltada para os valores essenciais como justiça, respeito, liberdade, tolerância e solidariedade. Ao repetir comportamentos violentos sem reflexão, nada disso é levado em conta. Não se pensa no sofrimento alheio ao se tomar uma atitude.

## Referências

ANDRADE, M. *A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas*. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 43 jan./abr. 2010.

ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *As origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto raposo. São Paulo: Companhia das laetras, 1989.

BBC. Com. *Valorização dos professores no Brasil* <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140822\\_salasocial\\_eleicoes\\_ocde\\_valorizacao\\_professores\\_brasil\\_daniela\\_rw](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140822_salasocial_eleicoes_ocde_valorizacao_professores_brasil_daniela_rw)>. Acesso em 15 de março de 2015.

GLOBO.COM. *50 Tons de Cinza aumentou acidentes sexuais dizem bombeiros de Londres*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/02/50-tons-de-cinza-aumentou-acidentes-sexuais-dizem-bombeiros-de-londres.html>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

MARTINS, J. P. *A banalidade do mal*. Artigos e Publicações. SINEPE, Paraná: 2014.

REVISTA SUPERISTERESSANTE. *Sadismo masoquismo dominador submisso*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/galerias-fotos/sadomasoquismo-fotos-sadismo-masoquismo-dominador-submisso-703630.shtml#1>>. Acesso em 20 de março de 2015.

REVISTA VEJA. *Quem é quem em 50 Tons de Cinza*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/quem-e-quem-em-cinquenta-tons-de-cinza/>>. Acesso em 15 de março de 2015.

TAYLOR-JOHNSON, S. *50 Tons de Cinza*. Filme. Estados Unidos, 2015.

TIBURI, M. *Hannah Arendt*. Revista Cult. Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/hanna-arendt/>>. Acesso em 15 de março de 2015.